

A FESTA MAIS BONITA DO BRASIL

Quando os sinos da igreja anunciaram o término de um ano e a chegada de 1980, todo mundo sambou no largo da Boa Viagem, onde neste início de semana aconteceu uma das festas religiosas populares mais bonitas do Brasil. Mães de santo colocaram na praia presentes para Yemanjá, enquanto os fiéis, milhares deles, preferiram dar mergulhos na água fria do mar em plena madrugada da terça-feira, dia da festa do Senhor Bom Jesus dos Navegantes. Houve missa, procissões, pedidos de promessas, samba — e muita cachaca, que ninguém é de ferro. As confusões foram poucas e a festa foi a mais animada dos últimos anos.

Tanto que até o meio-dia de ontem ainda se viam alguns foliões pela Boa Viagem, ressaqueados de pois que a última barraca recolheu seu sambão. Os dois dias maiores da festa, segunda e terça-feira, foram mesmo de desmantelamento e espírito e os pés das pessoas. Muitas delas chegaram ao local na manhã do dia 31 e só saíram na madrugada de ontem, após terem "rompido o ano", lavando o corpo com água salgada do mar para, como diziam, "tirar a sujeira do ano velho", ou depois de terem assistido às duas procissões ao Senhor Bom Jesus dos Navegantes.

A galeota que leva as imagens de Bom Jesus e Nossa Senhora, na verdade saiu na tarde do dia 31 da Igreja da Boa Viagem, rumo ao cais do Mercado Modelo. Afinal, é dali que sai a procissão marítima, considerada por muitos o maior espetáculo de fé — pelo seu colorido —, que acontece no País. Para fazer parte dele, gente de todo tipo e de todo lugar, inclusive estrangeiros, começam a chegar no cais do mercado na Praça Cairu logo de manhãzinha.

De fato, tirando muitos bebedores que não deixam o largo de jeito nenhum, algumas pessoas que passaram o reveillon na Boa Viagem saem dali assim que o dia amanhece e vão se misturar na Praça Cairu com outros devotos. Há também aqueles rapazes ou casais de namorados que deixam o largo da Boa Viagem com esse intuito, mas não conseguem chegar ao seu destino. E aí que se deixam ficar pelos passeios, no meio do caminho, e adormecem até a metade da manhã sem se incomodarem com o sol ou com as piadas de quem passa. Desta forma, todo o centro da cidade, até mesmo a Rua Chile, amanhece cheio de gente sonolenta ou embriagada pelas calçadas, mesmo quando o primeiro dia do ano é uma terça-feira e não um domingo.

Vendedores começam a espalhar suas mercadorias (frutas e chapéus) pelo passeio do cais, enquanto as embarcações que seguirão a galeota "Gratidão do Povo" — onde vão as imagens — são equipadas para a viagem. Os comerciantes vendem chapéus de palha de vários tipos, (este ano custaram de Cr\$ 20 a Cr\$ 30,00). Um deles, Gilson de Souza Leite, trabalha nisso há 16 anos. Este ano, nos três últimos dias da festa, ele vendeu mais de dois mil chapéus e diz que as 500 unidades que restavam na manhã de terça-feira, não dariam para "quem quer". "Nunca vi tanta cabeça para caber tanto chapéu", confessava satisfeito.

Nas embarcações do cais homens sem camisa e com colares no pescoço ajudam as velas. Outros entram nos barcos carregando mantimentos para a excursão: bandejas com empadas, peru assado, salgadinhos diversos e frutas com a predominância do cajú. Bebidas



Um cortejo com mais de 300 barcos acompanhou o Senhor dos Navegantes, na maior procissão marítima do País

também não faltam e nessa lista entram além das garrafas com misturas tradicionais de cachaca e frutas, cervejas e uisques. Gerson Behrmann Ramos, próspero proprietário do barco Camarada Felix, carregou com os amigos dez caixas de cerveja em lata "para matar a sede", quando o sol esquentasse. As 7h30min, meia hora antes da missa na Igreja de Nossa Senhora da Conceição da Praia, localizada ali perto, o cais do mercado está cheio de gente que se veste em roupas coloridas para a procissão. As mulheres usam biquínis, maiôs ou calças compridas. Algumas mais idosas, tradicionalmente, se vestem com saias compridas e blusas sob colares de várias cores, que contrastam com a roupa toda branca: são as baianas que irão jogar flores em alto-mar para o Bom Jesus dos Navegantes, guia dos navegadores e protetor dos homens do mar. Os barcos vão se enchendo de gente.

Muitos fiéis assistem à missa na igreja da Conceição, local de onde partem as imagens dos santos para a procissão marítima. Este ano, antes da liturgia, houve a solenidade de posse da nova diretoria da Irmandade Devocão Senhor dos Navegantes, associação que desde 1892 organiza os festejos religiosos da Boa Viagem. Composta por 30 pessoas, todas elas do sexo masculino, a irmandade caberá para trabalhar com o barco da Boa Viagem todos os eventos que precedem a procissão, como os tríduos religiosos e orações evangélicas realizados em todos os dias da festa. Seu atual presidente, Expedito Sacramento,

que, como os demais membros, mora na península Itapagipana, não entrou muito a ausência do Cardeal Arcebispo de Brasília, Brandão Vitale na procissão, embora o compromisso do bispo tivesse sido confirmado um dia antes. "Dom Avellar deve estar muito cansado", informava Expedito Sacramento, que fica à frente da Irmandade até 1981, quando será escolhida uma nova diretoria. "Mas ele vai presidir a missa campal, à noite".

O frei Celestino, pároco da Igreja da Conceição, desejou no seu sermão que "Nossa Senhora e o Bom Jesus dos Navegantes ajudem os homens de todo o mundo para que haja justiça e paz para todos", lembrando que no dia primeiro de janeiro se comemora o Dia Mundial da Paz. Enquanto isto, centenas de pessoas que lotaram o templo faziam suas orações.

Dois vendedores ofereciam do lado de fora um folheto que cabe na palma da mão, assegurando tratar-se de "orações do Bom Jesus". Antonia Leopoldina de Souza, 56 anos de idade e há dez participante da festa, diz a respeito do folheto e do crucifixo que o acompanha na compra, tudo por Cr\$ 10,00: "Se faz efeito? Diz o povo que sim".

É este mesmo povo, que bate palmas e grita quando a galeota com as imagens dos santos sai para o destino à galeota. Primeiro sai um Santo Antônio de uns 60 centímetros, que é aplaudido. Logo atrás, carregado ainda pelos membros da Irmandade do Bom Jesus, que usam sobretudo vermelhos encobrendo os ternos, o andor

com Nossa Senhora da Boa Viagem está enfeitado com lírios brancos, cerca de uma centena das 200 dúzias de flores compradas para os festejos. A imagem da santa tem aproximadamente um metro e meio. Por isso, para que saia do templo é necessário que alguém da irmandade tire do caminho, com um pedaço de madeira, as gambiarras colocadas na porta de entrada do templo. O andor é carregado sob aplausos e vivas. A terceira imagem que deixa a Igreja é a do Senhor Bom Jesus dos Navegantes, a mesma do crucifixo da vendedora, só que mais colorida e de tamanho bem maior. Tem um manto de veludo por trás, centenas de rosas vermelhas e fitas brancas ou azuis ao redor do andor. A breve procissão segue para o porto do 2º Distrito Naval, que fica em frente e onde está ancorada a galeota Gratidão do Povo. Alguns foguetes pipocam no ar.

Enquanto isto, no cais da Companhia de Navegação Baiana, os barcos e navios se preparam para zarpar. Somente um deles, o navio Maragogipe, leva passageiros comuns, a Cr\$ 400,00 por pessoa. Os demais foram alugados por agências de turismo, ou clubes como o Rotary Santo Antônio. A escuna Salinas das Margaridas, uma das embarcações mais disputadas, foi alugada pela Bahiatursa por preço que Geraldo Machado, coordenador deste serviço da Baiana, preferiu não revelar. Na lancha Ilha das Fontes deverá ir Valdelino Miranda, funcionário da Casa Civil do Governo, e seus convidados, Rogério Fracassi, que há cinco anos frequenta a procissão, pagou Cr\$ 500,00 ao Rotary, informando que o

clube subsidiou mais Cr\$ 250,00 pelo aluguel do Flor de Lamar.

No cais do Mercado Modelo, as passagens custam menos, para uma viagem pouco confortável. Com certeza, há sambão e muita cachaca em todos os barcos que ali atracam, pertencentes a marinheiros de ofício que frequentam o local durante o dia inteiro. Nesses barcos, a barulheira começa assim que se avista as imagens dos santos chegarem à galeota. A procissão vai começar e centenas de pessoas que se encontram na balaustrada do mercado ou do cais, decidem tomar um dos barcos. Qualquer um, pois o preço varia muito. Os donos das embarcações e seus ajudantes gritam convidando os passageiros. "Aqui é mais barato, é de Cr\$ 200", diz alguém. "Por aqui, madame", convida outro. "Meu barco é de motor, quem quiser tem que pagar Cr\$ 300,00", informa ainda outro marinheiro. As pessoas, no entanto, preferem o barco onde se avistam os amigos, ou, quem não conhece ninguém, mas quer se alegrar, um barco onde o sambão se apresente melhor.

As 9h15min, a galeota com os santos deixou o Distrito Naval, seguida por lanchas da Capitania dos Portos. Estava toda enfeitada de fitas e flores. Enquanto seguia, rumo ao farol da Barra, novamente os foguetes estouraram, perto do cais do mercado. Ali, os barcos só poderiam zarpar depois que as embarcações da Baiana saíssem. Passado este momento, bom para os donos do barco que pegavam ainda mais passageiros, dezenas de barcos e lanchas de todos os tipos e tamanhos deixaram a praia, seguindo a galeota. Fez pouco vento na terça-feira. Por isto, nenhum barco à vela conseguiu acompanhar a procissão marítima. Alguns deles eram rebocados por embarcações a motor, para alegria dos fiéis.

Meia hora depois a galeota Gratidão do Povo estava de volta, encostando desta vez num dos armazéns das Docas, para que os trabalhadores do cais prestassem suas homenagens ao Bom Jesus. As sirenes de todos os navios ali atracados tocaram de uma só vez. Um som que foi acompanhado pelo espoucar de fogos de artifício. Minutos depois, a procissão marítima seguiu para o porto do Monte Serrat, última parada. Antes do meio-dia as imagens conseguiram chegar à Igreja da Boa Viagem, carregadas também pelo povo. Mais tarde, às 17h10min, novamente os andores deixaram o templo para a procissão terrestre, este ano com roteiro modificado. Milhares de pessoas desta vez deixaram as barracas onde havia samba, seguindo pela rua da Imperatriz, rua do Bigua, fazendo o retorno do Bonfim e retornando à Boa Viagem — agora ao paíque armado perto de um conjunto residencial local —, onde aconteceu a missa campal. O padre Washington Cruz, que celebrou três missas durante a manhã, informou que a missa não será mais em frente à igreja por causa dos tumultos normalmente existentes nessas ocasiões em que religião e folia se misturam. Disse, entretanto, que este ano, o movimento religioso da festa "aumentou muito em relação ao passado".

Depois da missa campal, as imagens retornaram à igreja, onde se encontram até o próximo 31 de dezembro — quando começa tudo novamente.

Sem vento, mas com sabor de muita aventura

Quero ver: é este o nome do barco à vela com uns oito metros que, a exemplo de vários outros, se encontrava no cais do mercado para a procissão marítima do Senhor Bom Jesus dos Navegantes, terça-feira de manhã. Embarquei nele após ter conversado com Emílio Francisco de Assis, marinheiro encarregado do barco que me informou que a passagem custa Cr\$ 300,00. Quando soube que se tratava de reportagem, voltou atrás e disse: "A gente pede este preço mas leva até por Cr\$ 50,00". Uma turma de rapazes e moças, todos adolescentes, já se encontrava no barco quando pulei a bordo, depois de atravessar por outros. Quando o barco saiu, às 10h, quase uma hora após a galeota com as imagens dos santos seguirem para a Barra, havia mais de 20 pessoas no barco. Jorge Santana, um amigo, também pegou o Quero ver, depois que o vi passar e gritei seu nome. Várias pessoas fazem o mesmo quando avistam os conhecidos e é também desta

forma que as embarcações se enchem de gente.

Um sujeito magro, de bermuda e camisa abotoada pela metade, se sentou ao meu lado, na cerca de proteção de bordo, do lado esquerdo do barco. Diferente das outras pessoas que chegavam falando alto e fazendo barulho, ele quase nada falou em toda a viagem. Observei que deveria tratar-se de um turista, com aquela barba rala e branca. Assim que Emílio começou a cobrar as passagens, logo após o barco ter deixado o cais, o passageiro resistiu antes de pagar os Cr\$ 200,00 exigidos pelo encarregado da embarcação. Pelo jeito que falou percebi que é acostumado a acompanhar a procissão marítima, embora não fosse o único a reclamar do alto preço da passagem. Emílio me disse antes que, nos outros dias, transporta mercadorias de Maragogipe para Salvador no Quero ver.

Um mulato forte e barrigudo, chamado de "mestre Vadinho", é o dono do barco. Ele avisa a

um casal de adolescentes que esta deflato perto de mim que é proibido nadar sobre o seu barco, "ao mar". Diz que "deve-se respeitar o mar", embora minutos mais tarde todos os enamorados que se encontravam na embarcação não levariam muito a sério a advertência.

Durante a viagem aconteceram coisas que, mais tarde, iriam fazer meu amigo me afirmar que nunca mais entra num barco à vela para fazer a excursão. Não havia vento e o máximo que conseguimos meia hora após a largada foi ficar fazendo voltas em direção ao forte São Marcelo. Enquanto os barcos a motor e a galeota já retornavam da Barra rumo à Boa Viagem, os barcos à vela pouco fizeram. Só chegaram no Monte Serrat depois das 13h. Samba havia em todos eles, mas só no Quero ver houve tanta confusão: até os roubos de uma máquina fotográfica e uma garrafa de uísque aconteceram. Além de sustos de afogamento.



O outro lado da Boa Viagem, no último dia

Mais de 100 prisões efetuadas, 12 casos de crianças perdidas dos pais, tapas e murros trocados mutuamente. Este pode ter sido o saldo negativo da festa do Senhor Bom Jesus dos Navegantes, no seu último dia, anteontem. No posto policial estrategicamente instalado num dos lados da igreja da Boa Viagem, registraram-se vários casos de agressão, que encheram 50 páginas do livro de ocorrências. Os motivos das prisões, conforme informou o delegado Manoel Garrido Fernandez, se rezeavam em dois fatos: desordem ou maconha. Se o caso era grave, ao invés de dispensar o infrator "depois de alguns conselhos", ele era encaminhado à 3ª Delegacia, localizada na Ribeira.

Para os paqueradores de plantão, uma advertência ingrata: "pegar nos seios das moças, dá cana". A escrivã do posto policial, após registrar 17 ocorrências até às 16h no pri-

meiro dia do ano, disse que várias prisões foram efetuadas por causa desse abuso. Apesar disto, os rapazes se arriscavam sempre. Afinal, lindas garotas circulavam pelo largo da Boa Viagem, sempre em grupinhos. Por isto, só ficou sozinho quem quiz, porque mulher não faltou na festa. Elas eram de todo tipo: mulatas, morenonas, gringas, sardentas. Uma coisa, porém, as tornava iguais: o reboiado num samba de roda sempre presente nas barracas.

Algumas garotas, por causa do calor, tomavam banho com toda a roupa no mar. A jovem Denise Cardoso dos Santos foi uma delas. Depois de sair da água, retornou à sua barraca com o shorte e a parte de cima do biquíni chamando a atenção da rapaziada perigosa da área. "Venho aqui com minha família desde os 12 anos e acho a festa bem legal", explicava ela ao intruso interperador. Nas barra-

cas, os produtos tinham que ser pagos adiantadamente. Cerveja a Cr\$ 30,00 e refrigerante a Cr\$ 10,00, eram servidos sem estar muito gelados. Tira-gostos eram vendidos por meninos em toda parte. "Um caranguejo é Cr\$ 25,00", informou um deles.

No posto do Juizado de Menores, também funcionando ao lado da igreja, dez comissários se revezavam na mesa. Dos casos de menores perdidos citados, o comissário José Augusto Braga informou que oito crianças já haviam sido devolvidas aos seus responsáveis, depois de ser anunciada a perda pelo altofalante ali instalado por um grupo de jovens do local, que auxiliava todo o serviço. Dos que restavam no fim da tarde, Wellington Correia Soares, de 9 anos, e que minutos antes estava com a mãe na praia, era um deles. Disse o comissário que "são certas pessoas que trazem as crianças e na folia se esquecem delas".



Por Fernando Conceição (textos) e Lourival Custódio (fotos)